

## PUBLICAÇÃO EDIPUCRS

- WAMOSY, Alceu. Poesia Completa. 1994, 154p. Em co-edição com IEL e Alves Editores.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 PORTO ALEGRE - RS/BRASIL  
Fone/FAX: (051) 320.35.23  
<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>  
E-mail [edipucrs@music.pucrs.br](mailto:edipucrs@music.pucrs.br)

## *A visão de espaço em Conrad e García Márquez: uma questão pós-colonial*

*Gislaine Simone Silva Marins*

Meu nome – minha pátria – que é para ti?  
Se fui nobre ou plebeu – que diferença faz?  
(Paulo Silenciário)

A teoria pós-colonial, segundo Walter Mignolo, é uma prática teórica que se distingue das demais críticas culturais contemporâneas por focalizar a herança colonial, “na intersecção da história moderna europeia com as histórias contramodernas coloniais” (p. 9). Dentro dessa ótica, a crítica pós-colonial tem privilegiado a análise de temas ligados a diferenças culturais, identidade cultural e nacionalidade, vistos a partir do reconhecimento, ao nível da representação, da problematização entre passado e presente, tradição e modernidade. De acordo com Homi Bhabha, a autoridade do passado é denunciada através da repetição, ou recolocação, ou tradução de um signo que não é, necessariamente, fiel à história, mas ressurge no discurso presente como tradição (s.n.). Kumkum Sangari corrobora essa posição ao afirmar a existência de um discurso híbrido, aberto a dois mundos, num contexto histórico, político e cultural de colonialismo e neocolonialismo (s.n.).

Embora a releitura do passado seja uma estratégia do discurso pós-colonial, cabe considerar dois elementos relevantes, que nortearam a política colonial: a expansão de territórios e o domínio sobre o espaço. Através desses artifícios, o objetivo da empresa colonial era alcançar maior poder político e mercantil, o que era

medido pela ocupação dos “espaços vazios” do mapa-mundi, como sugere Marlow, em *O coração das trevas*: “ficava olhando horas a fio para a América do Sul, a África, a Austrália, e sonhava com todas as glórias dos exploradores” (p. 14). O trecho aponta também para a fascinação pessoal despertada pela aventura da conquista territorial, deslocando a questão para o embate entre o homem e a natureza.

A colonização possui, portanto, duas dimensões a serem consideradas, uma individual, outra nacional; uma envolvendo questões relativas ao sujeito, outra enfocando aspectos conjunturais que afetam esse mesmo sujeito. O espaço torna-se um elemento dinâmico, considerado a partir do sujeito no mundo e do contexto político em que se insere esse sujeito. O espaço deixa de ser considerado como mero cenário dos acontecimentos, podendo ser caracterizado como “espacialidade de base social” (Soja, p. 101).

Para Edward Soja, a espacialidade está relacionada à capacidade humana de objetivar o mundo, afastando-se dele (p. 160). Embora o enfoque de Soja privilegie a pós-modernidade, entendida como um processo abrangente que questiona a primazia da história e o papel secundário do espaço na modernidade, a espacialização da história adquire uma importância singular no contexto pós-colonial, pois a problemática espacial implícita na teorização do imperialismo e remanescente como dado limitante à expansão do capitalismo deve ser reconhecida e reavaliada.

Tendo em vista a comparação de duas obras, uma produzida num país de tradição imperialista – a Inglaterra – e outra, num país colonizado – a Colômbia –, a crítica pós-colonial fornece elementos que permitem o estabelecimento de relações entre os romances, numa base sociológica. Nessa medida, o pós-colonialismo aponta para uma questão central dentro do comparatismo, que é a possibilidade de demonstração das diferenças e semelhanças entre textos literários, a partir do prisma da nacionalidade, o qual envolve, seguramente, problemas históricos e sociais.

O pós-colonialismo supera as formas tradicionais de comparatismo, assentadas, via de regra, na investigação de textos que “influenciaram” outros textos. É uma estratégia de comparação, portanto, que não trata a intertextualidade de uma forma hierárquica, pois busca no conceito de hibridização, conforme assinala Sangari, uma explicação para a presença de “Outro discurso” no texto. Além disso, o pós-colonialismo mostra que o hibridismo resulta do entendimento e do questionamento do arranjo histórico do colonialismo.

A validade da crítica pós-colonialista está, justamente, em ressituar o termo de comparação – as diferenças e semelhanças entre as literaturas nacionais –, sob o critério histórico. Essa abordagem fragiliza o fundamento da análise da influência presente na história da Literatura Comparada e explicita os antagonismos com o comparatismo tradicional. Por exemplo, Marius-François Guyard, na tradição da “Escola Francesa” de perspectiva historicista, entende que as comparações literárias devem ser internacionais, “acompanhando a mudança de temas, de idéias, de livros ou de sentimentos entre duas ou mais literaturas” (p. 97). A influência, portanto, não é a de um discurso nacional sobre o outro, mas apenas a dos elementos constituintes desse discurso. Isso diverge radicalmente do problema apresentado pela crítica pós-colonial, a da identificação de um discurso colonizante (da nação colonizadora) no discurso híbrido. Nesse caso, já não é possível falar em influência, mas propriamente de presença.

O reconhecimento do discurso colonial implica refletir sobre a dimensão política do texto literário, discutir as relações de poder suscitadas pelas obras e situar estas num contexto histórico. Entretanto, obriga o crítico a trabalhar dentro desse paradigma, pensando a literariedade das obras a partir da interação com o contexto a que se remetem, em que são produzidas e em que são recebidas. Isto é, o pós-colonialismo impede uma contemplação focalizada nas tensões textuais internas que escapam à historicidade, determinando que a comparação entre obras seja obrigatoriamente mediada pela história, ainda que esta possa ser incorporada pelo texto de forma lúdica ou infiel, ou seja, reelaborada ficcionalmente.

A tentativa de comparar obras a partir da crítica pós-colonial esbarra numa limitação que mais deriva da literatura comparada que da potencialidade da teoria em fornecer elementos para a análise. O pós-colonialismo desvela uma forma de abordagem que caracteriza a literatura como objeto cultural, daí ser necessariamente relacionada ao contexto histórico. A ambição de dar conta de todos os aspectos da obra não é, portanto, um pressuposto do pós-colonialismo, mas da literatura comparada. Essa disciplina, cuja crise diversos teóricos já apontaram, até hoje não conseguiu responder satisfatoriamente à questão sobre seu objeto: como comparar obras sob o critério da nacionalidade, tendo em vista os procedimentos estéticos nelas empregados?

Tendo em vista essas considerações iniciais, passaremos à análise de *O coração das trevas*, de Joseph Conrad, e *O general em seu labirinto*, de Gabriel García Márquez. O estudo será direcionado para a visão de espaço presente nos romances, uma vez que as



personagens Simon Bolívar (*O general...*) e Marlow (*O coração...*) estão diretamente ligadas a problemas de domínio territorial e de redimensionamento de suas vidas a partir de sua posição no contexto histórico, os quais se revelam na constituição dos discursos nos romances.

*O general em seu labirinto* e *O coração das trevas* revelam uma visão de espaço que exerce uma função bastante significativa para o desenvolvimento da narrativa: desde sua funcionalidade como cenário, que é referida nos títulos das obras. O labirinto aludido no romance de García Márquez é o da alucinação do general Bolívar em seus últimos dias de vida, mas refere-se igualmente aos descaminhos labirínticos da personagem, em suas idas e voltas na ilusão da unificação das nações americanas, percorrendo o território da América do Sul em infundáveis rebeliões, golpes e fugas. O coração das trevas, de Conrad, é o centro do continente africano, até onde chegara Marlow movido pela força de um contrato com uma empresa inglesa de exploração e pelo fascínio despertado pelo poder sobrenatural exercido sobre os que se aventuram a explorar a exótica região.

Ambos os relatos são suscitados pelas lembranças evocadas nas viagens que cada um dos protagonistas realiza nas respectivas narrativas. Uma visão de espaço convoca outra, sobrepondo momentos diferentes das trajetórias percorridas por Marlow e Bolívar. Em *O coração...*, o relato do narrador sobre o rio Tâmis é abruptamente interrompido pela fala inicial do protagonista, que diz: “E aqui também – falou Marlow de repente – já foi um dos lugares mais sombrios da terra” (p. 11). Essa fala é a que desencadeia todo o processo de descentramento da narrativa, o qual se torna evidente diante da comparação entre o espaço inglês e o espaço africano, que será apresentado no decorrer da obra.

A sobreposição de espaços também se verifica em *O general...*, mas a estratégia da narrativa não é mostrar o contraste, e sim a repetição, como se observa na primeira intervenção de Bolívar e no comentário do narrador que a sucede:

“– Vamos embora – disse. – Voando, que aqui ninguém gosta de nós.

“Por tê-lo ouvido dizer aquilo tantas vezes e em ocasiões tão diversas, José Palácios não achou que fosse para valer, embora os animais estivessem preparados nas cocheiras e a comitiva oficial começasse a se reunir” (p. 11-12).

Os exemplos acima apresentados também dão uma mostra das estratégias narrativas adotadas nas obras, as quais contribuem

para a configurá-las sob a perspectiva pós-colonial. Em *O coração...*, a narração é feita principalmente por Marlow. O narrador, que é interrompido pela fala da personagem, só retoma o ato de narrar no último parágrafo da obra, quando registra que, após uma conclusão reticente sobre o resgate de Kurtz na selva africana, Marlow finalmente calara-se e entrara em estado de meditação, indiferente aos demais companheiros de viagem. A visão de espaço predominante na narrativa é, portanto, mediada pelas impressões da personagem que testemunhara os acontecimentos. O pacto de veracidade estabelecido por esse procedimento não pode ser igualado ao que ocorre em *O general...*, cuja narração é realizada por uma voz onisciente que revê o passado a partir do presente, como se constata nessa passagem:

“um século e meio depois, numerosos médicos continuavam achando que a causa principal da morte [de Bolívar] tinham sido essas cataplasmas abrasivas, [...] como o doutor Révérend comprovou na autópsia” (p. 259).

As observações de Marlow sobre o espaço, à medida que sua viagem é relatada, desautorizam progressivamente o discurso colonial, através de um processo de desilusão pessoal por que passa a personagem. Marlow é um sujeito que parte do centro para a periferia e que se vê compelido a deslocar também o seu discurso, pois as expectativas de glória na aventura pelo continente africano são esvaziadas pelos contatos com os nativos e com Kurtz. Este, que teria sido o melhor e mais eficiente representante da política colonial no território em questão é encontrado por Marlow em um estado de absoluta selvageria, como se houvesse sido tragado pelo espaço de trevas circundante. A aproximação do acampamento de Kurtz dão uma idéia do poder exercido pela selva:

“Já pelas oito ou nove horas a cerração levantou, como uma persiana que tivesse sido puxada para cima. Vimos de relance a multidão de árvores gigantes e a vasta e impenetrável selva, com a pequena bola incandescente do sol pairando sobre ela... tudo absolutamente imóvel... e então a persiana branca desceu de novo, suavemente, como se deslizasse sobre trilhos azeitados. [...] um grito muito forte, de infinita desolação, elevou-se lentamente no ar opaco. Quando cessou, um clamor plangente, modulado em selvagem dissonância, invadiu nossos ouvidos. O próprio inesperado de tudo aquilo fez meus cabelos se arrepiarem sob o boné. Não sei como os outros reagiram: para mim foi como se a própria névoa tivesse gritado” (p. 52-53).



Os sujeitos apresentados na narrativa, Marlow e Kurtz, estão inseridos num contexto que extrapola sua condição pessoal e os eleva à condição de representantes de uma política de colonização. O espaço, por outro lado, é metaforizado, assumindo aspecto humano. Esse caráter de representatividade, que desloca metaforicamente espaço e personagens, coloca-os em um plano intermediário, tornando possível interpretar o embate entre homem e natureza como um duelo entre culturas diferentes. A selva representa o infernal, onde o colonizador esperaria encontrar o paradisíaco; a barbárie, onde ele pretenderia levar a civilização; o capitalismo de exploração, onde ele poderia implantar relações mais desenvolvidas de capitalismo.

A narrativa de Marlow é, dessa forma, um penoso e arrastado reconhecimento do fracasso de um projeto pessoal e nacional. Ao apresentar o desmantelamento dessa investida, o romance se descentraliza, mas não deixa de marcar o ponto de vista central, a partir do qual é construído. Em outras palavras, a narração dos fatos cria lacunas, originadas na própria desilusão da personagem, que dão margem ao questionamento, por parte do leitor, sobre qual seria a visão do "horror" aludido por Marlow, se a narração fosse realizada sob a perspectiva do Outro. O próprio narrador, entretanto, aponta para a alteridade, mostrando que o choque pelo qual passou a personagem em seu contato com o novo ambiente não deve ter sido menos intenso que o sentido pelos negros em seu encontro com os brancos. Exemplo disso é a aversão dos canibais pela carne dos viajantes europeus, um ponto que leva Marlow a perguntar sobre o motivo desse comportamento: "superstição, repugnância, paciência, medo... ou alguma primitiva noção de honra?" (p. 55).

O narrador, assim, abre-se a dois mundos, a duas culturas, de forma híbrida, mas explicita o lugar do qual observa a realidade: é o rio Tâmis, afastado temporal e espacialmente da história narrada. O Outro, para Marlow, é alguém com quem podemos estabelecer comparações porque é diferente, afastado e primitivo. Contudo, o Outro possui algo semelhante, com que se possa comparar. Dizer que a Inglaterra já fora um lugar de trevas é colocar as diferenças apresentadas numa linha evolutiva e hierarquizada, uma perspectiva que Marlow é incapaz de abandonar. Como sujeito fragmentado, que questiona os fundamentos de suas convicções, mas acredita ainda na restauração da civilização, Marlow só pode ver no comportamento dos nativos uma civilidade em potencial.

No final da narração, Marlow conta seu encontro com a viúva de Kurtz. Este, a quem nunca puderam atribuir uma profissão

exata – uma personagem diz que a esfera adequada a ele seria a política, "na área popular" – é considerado pela moça como um homem notável, mas Marlow infere que a aventura do jovem na selva fora motivada pela insatisfação da família da moça diante de suas reduzidas posses. A lógica capitalista que subjaz às relações familiares e às atitudes individuais explicitam os laços que unem a trajetória pessoal à política colonial e conduzem a personagem ao "horror". Desse modo, Kurtz sintetiza os extremos a que conduzem o sistema de exploração colonial e, principalmente, a incapacidade de integração entre duas formas distintas de organização econômica e cultural, que afetam profundamente os sujeitos.

A fragilidade de Kurtz diante da resistência da selva e dos homens africanos enlouquece o sujeito e barra o avanço da empresa exploradora. Esse horror é a força da barbárie, a organização tribal, o canibalismo, o sistema de trocas, tudo que contrasta com o procedimento capitalista representado pelo percurso de Kurtz. Ao narrar o destino do aventureiro, Marlow desconstrói o discurso colonial e decompõe a imagem exótica do espaço africano. Essa imagem estereotipada é dada pelo narrador nas primeiras páginas do romance, quando o narrador afirma:

"quanta grandeza não havia descido aquele rio [Tâmis] e mergulhado no mistério de uma terra desconhecida!... Os sonhos de homens, a semente de nações, o germe de impérios" (p. 11).

Desde o início, portanto, a narrativa sugere uma subordinação do homem em relação à nação, pois os indivíduos sonham, mas o que germina é o império.

A voz onisciente que narra a história de Bolívar é, ao contrário da anterior, descomprometida com o projeto colonizador. Entretanto, a figura principal, o general Simón Bolívar, o libertador das Américas, como registra a História e afirma a narrativa, é dessacralizada. O narrador assume o papel de cronista – tomado aqui ambivalentemente como o sujeito que registra os atos das grandes personalidades e o comentarista sobre o cotidiano – e constrói a narrativa, juntando o discurso histórico ao ficcional. A imagem do general envolve numa toalha ou nu, passeando à noite, metaforiza esse processo de questionamento à figura legada pela História. Entretanto, é inserido nos labirínticos caminhos da América que Bolívar se desfigura como herói. Suas táticas, elaboradas a partir de informações falsas, e suas fugas espetaculares conferem à personagem o perfil de um pícaro e às suas aventuras o caráter aleatório das narrativas picarescas, afastando-se, assim, do registro oficial.



De um lugar a outro, a performance da personagem se repete: contrariando as expectativas, o general restabelece-se um pouco da constante convalescença e surpreende a todos com discursos inflamados, disposição física para dançar e atitudes galantes em relação às mulheres. Com isso, reafirma seu poder político e consegue manter os aliados, num período em que predomina no Ocidente o modelo centralizador e militarizante representado por Napoleão Bonaparte, figura a que a narrativa se refere algumas vezes. Bolívar rejeita a comparação com Napoleão, mas a forma como administra o espaço, conquistando-o por força das armas e agregando territórios permite tal aproximação. Reforça esse argumento a passagem em que o assistente José Palacios organiza as malas de Bolívar:

“junto com a maleta de remédios e outras poucas coisas de valor iam *O Contrato Social*, de Rousseau, e *A Arte Militar*, do general italiano Raimundo Montecuccoli, duas jóias bibliográficas que tinham pertencido a Napoleão Bonaparte” (p. 38).

Ainda que se considere defensor da liberdade, a fragmentação da América em Estados independentes incomoda a personagem, a qual afirma de forma cínica que o processo de libertação da Venezuela, do Peru, entre outros países, é a aplicação dos princípios inspirados por sua própria conduta. Ao constatar a desagregação do espaço, Bolívar afirma irritado: “A América é um meio globo que ficou louco” (p. 77).

A loucura da América, no entanto, se parece muito com a loucura do general: é o delírio despertado pela cobiça de poder, que o embate entre as oligarquias locais e as forças militares chefiadas por Bolívar representa com exemplaridade. A disputa pelo domínio dos Estados presentifica as questões coloniais, ligando a trajetória do general à expansão da lógica capitalista na América. Ao contrário do que ocorre em *O coração...*, no romance de García Márquez, o narrador desautoriza a visão de mundo do general e descentraliza o relato por meio da ironia. Mesmo quando supostamente reproduz as falas do general, o narrador consegue criar o efeito irônico, como se constata no trecho abaixo:

“– A verdade é que aqui só há dois partidos, o dos que estão comigo e o dos que estão contra mim, e o senhor sabe disso melhor que ninguém – concluiu. – E ainda que não acreditem, não há ninguém mais liberal que eu” (p. 78-79).

Ao retomar a narração, afirmando que o general acabara sua fala, o narrador diminui a importância do que vem após. A fala da personagem também contribui para isso, pois incorpora ao discurso a desconfiança sobre suas atitudes (“ainda que não acreditem...”). Contudo, não se pode aplicar a Bolívar, personagem situado na parte louca do globo – não civilizada e periférica –, critérios genéricos do capitalismo da metrópole. Suas atitudes, além de serem tratadas ao nível do burlesco ou folclórico pelo narrador (em diversas passagens afirma-se que o general está construindo uma lenda), diferem num ponto relevante das ações da Bonaparte: elas não o conduzem ao cargo de monarca, lugar que acentuaria seu caráter centralizador de adesão ao imperialismo.

A desolação de Bolívar em relação ao fracasso de seu projeto pan-americanista também diverge do comportamento de Marlow, pois não o leva à introspecção e à reavaliação metódica dos fatos. O general registra seu desagrado em uma frase curta, sem réplicas, sussurrada ligeiramente a um aliado: “– Como nos custou caro esta merda de independência!” (p. 174). A conclusão a que chega o general é de que o inimigo não é exterior, não é a Europa, como afirmara anteriormente. Está no interior da América, que, num processo de assimilação do sistema colonial, fortalecera oligarquias desejosas de assumir o controle outrora exercido pela Espanha. Em certo momento, Bolívar toma a decisão de “começar de novo, do princípio, sabendo que o inimigo estava dentro e não fora da própria casa” (p. 204).

Devido ao reconhecimento dessa presença colonial, ocorre uma transformação importante: Bolívar reavalia suas próprias posições, assumindo sua posição híbrida, já delatada pelo narrador. Contudo, desestimulado a mudar sua trajetória por causa da degradação física e da posição política em que se encontra, o general só pode aconselhar um jovem a retornar a seu país “porque depois será tarde demais, e você não se sentirá nem daqui nem de lá. Se sentirá forasteiro em toda parte, e isso é pior que estar morto” (p. 225). A honestidade do conselho é reiterada pela alusão à própria situação vivida por Bolívar, que arremata a conversa com essa afirmação: “eu que o diga” (id.).

Durante as várias tentativas de proclamar a libertação da América, o general retorna a diversos lugares já visitados ou conquistados, conferindo à narrativa uma configuração labiríntica, imbricada à situação de desgaste físico e moral da personagem e ao uso da repetição no discurso. As lembranças que os lugares evocam estimulam a comparação, mas revelam a ideia de desorientação, de movimentação sem objetivo certo. Contudo, é essa dinâmica que

resiste à consolidação do domínio imperialista, em prol da qual atuam as oligarquias leais à coroa espanhola e também as forças libertadoras, embora estas de maneira ambivalente. Quando se percebe que o discurso de Bolívar é "americano", incoerente, louco – pois ele alterna estados de perspicácia e a momentos de delírio –, explicita-se sua identidade híbrida e pode-se atribuir ao território por ele comandado a designação de pós-colonial.

Como ocorre no romance de Conrad, a narrativa de García Márquez não se limita a apontar o diferente, ela o incorpora como um discurso que desloca a centralidade da metrópole para o eixo da alteridade. A presença do Outro, portanto, está implicada nas duas narrativas, mas tal alteridade não é a mesma em ambas. O centro está implicado no romance de García Márquez como uma condição preestabelecida, enquanto o centro é o lugar de onde o narrador de Conrad parte para reavaliar sua posição e para refletir sobre as relações entre centro e periferia. Contudo, a identificação desses modos diversos de exposição das relações entre centro e ex-centro não determina o surgimento de uma nova dicotomia entre as literaturas de países de centro e de países da periferia, pois ambas as posições estão necessariamente comprometidas com o processo de definição desses lugares: não há a idéia de centro sem o de ex-centro. As narrativas desses escritores demonstram ter consciência dessa interdependência e não tentam escapar aos problemas que ela impõe. Por isso, a identificação do Outro – aqui referido como o sujeito no espaço, historicamente situado – é um critério capaz de contribuir para a tarefa a que se propõe a Literatura Comparada. A perspectiva pós-colonial aponta algumas singularidades em termos de características nacionais, mas não se subordina aos procedimentos que conduziram, por muito tempo, à hierarquização das narrativas nos estudos comparatistas orientados para a análise de influências.

### Referências bibliográficas

- BHABHA, Homi K. Cultural diversity and cultural differences. In: ASCROFT; GRIFFITHS & TIFFIN (eds.) *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995.
- CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- GUYARD, Marius-François. Objeto e método da literatura comparada. In: CARVALHAL, Tania Franco, COUTINHO, Eduardo C. *Literatura comparada: textos fundadores*. São Paulo: Rocco, 1994.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *O general em seu labirinto*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

- MIGNOLO, Walter. La razón postcolonial: herencias coloniales y teorías post-coloniales. In: *Gragouá*, v. 1, n. 1, 2. sem. 1996.
- SANGARI, Kumkum. The politics of the possible. In: ASCROFT; GRIFFITHS & TIFFIN (eds.) *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995.
- SILENCIÁRIO, Paulo. Epitáfio. In: SENA, Jorge de. *Poesia de 26 séculos*. Coimbra: Fora do Texto, 1993.
- SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas: reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.